



A Interlocução de Saberes na Antropologia

Danila Barbosa de Castilho
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danila Barbosa de Castilho
(Organizadora)

A Interlocução de Saberes na Antropologia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I61 A interlocução de saberes na antropologia [recurso eletrônico] /
Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-045-2

DOI 10.22533/at.ed.452191701

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I. Castilho,
Danila Barbosa de.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A antropologia se dedica ao estudo do ser humano e suas diversas manifestações culturais, políticas e religiosas. As discussões acerca da construção da cultura, da memória, das identidades, festas, conflitos e disputas por espaços de memórias e o processo de globalização ocorrem em meio às tensões e conflitos que permeiam as relações sociais compõem o campo de estudos da antropologia.

As pesquisas antropológicas permitem estabelecer relações entre outras ciências como a história, a geografia, a sociologia, a linguística, entre outras, tornando-se um campo multidisciplinar. Podemos perceber essas relações nos textos que serão apresentados nesta obra, onde os autores ao desenvolverem suas pesquisas, sobre os mais variados temas, dialogam com autores como Eric Hobsbawn, Maurice Halbwachs, Stuart Hall, Anthony Giddens, Claude Lévi-Strauss, Mikhail Bakhtin, entre outros.

Esta coletânea, apresenta a você leitor esta diversidade característica das pesquisas antropológicas. Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	7
ARTE E MEMÓRIA DO POVO INDÍGENA ASURINI DO XINGU NOS TRANÇADOS REALIZADOS NAS FLECHAS, ARCOS E CAPACETES	
Reliane Pinho de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4521917011	
CAPÍTULO 2	26
AS AMEAÇAS DO DESENVOLVIMENTO: CONFLITOS E DISPUTAS PELOS BENS NATURAIS NO SEMIÁRIDO CEARENSE	
Francisco Hélio Monteiro Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.4521917012	
CAPÍTULO 3	40
FESTA, MERCADO E TURISMO: BLOCOS, MARACATUS E A POLÍTICA DE EDITAIS EM FORTALEZA	
Danielle Maia Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.4521917013	
CAPÍTULO 4	55
NEORURAIS: UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO	
Ione Cristina Dantas Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.4521917014	
CAPÍTULO 5	67
OS “POVOS RIBEIRINHOS” E A RESERVA EXTRATIVISTA NO RIO MAPUA NO ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ, BRASIL	
Eliane Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4521917015	
CAPÍTULO 6	84
POR QUE NÃO?": ANÁLISE DO DISCURSO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE FRENTE A UTILIZAÇÃO DA OBJEÇÃO DE CONSCIÊNCIA NOS PROCEDIMENTOS DE ABORTO LEGAL	
Maynara Costa de Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4521917016	
CAPÍTULO 7	98
PRODUÇÃO DE MORALIDADES EM REDES DE SOCIABILIDADES GAYS E LÉSBICAS DAS CLASSES MÉDIAS ALTAS EM TERESINA	
Pâmela Laurentina Sampaio Reis Ana Kelma Cunha Gallas	
DOI 10.22533/at.ed.4521917017	
CAPÍTULO 8	112
PUBLICIDADE E IMAGINAÇÃO INFANTIL: AS VAMPIRAS MONSTER HIGH E A MORTE DA INFÂNCIA	
Karlla Christine Araújo Souza Maria Soberana de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.4521917018	
CAPÍTULO 9	127
TARTARUGAS MARINHAS NA COSTA AMAZÔNICA PARAENSE: OCORRENCIAS E	

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA PESCADORES ARTESANAIS

Roberta Sá Leitão Barboza

Claudia Nunes Santos

Luis Junior Costa Saraiva

Darcy Flexa Di Paolo

Juarez Carlos Brito Pezzuti

DOI 10.22533/at.ed.4521917019

SOBRE A ORGANIZADORA..... 145

Produção de Moralidades em redes de sociabilidades gays e lésbicas das classes médias altas em Teresina

Pâmela Laurentina Sampaio Reis¹

Universidade Federal do Piauí

Mestra em Antropologia / UFPI

Ana Kelma Cunha Gallas²

Centro Universitário Santo Agostinho – PI

Mestra em Antropologia e Arqueologia / UFPI

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma série de reflexões empreendidas no Grupo de Pesquisa sobre Sexualidades, Corpo e Gênero³. A inserção nesse grupo permitiu o compartilhamento das diferentes experiências de leituras e de trabalho de campo, em distintos níveis de pesquisa, como, por exemplo, aquelas desenvolvidas na modalidade de iniciação científica e, por outro lado, as desenvolvidas no mestrado de Antropologia na Universidade Federal do Piauí.

No ano de 2013 duas pesquisadoras do grupo defenderam suas dissertações com os

1 Mestra em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí. Pesquisadora do SEXGEN - Grupo de Pesquisa Sexualidade, Corpo e Gênero (UFPA-CNPQ), e do ComGenero - Comunicação, Gênero, Corpo e Sexualidade (UESPI).

2

Mestre em Antropologia e arqueologia (UFPI), Professora do Programa Institucional de Bolsas Iniciação Científica (PIBIC) do Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA). Pesquisadora do SEXGEN - Grupo de Pesquisa Sexualidade, Corpo e Gênero (UFPA-CNPQ), e do ComGenero - Comunicação, Gênero, Corpo e Sexualidade (UESPI). E-mail: kelmagallas@outlook.com.

3 O grupo de pesquisa Sexualidades, Corpo e Gênero - SEXGEN / CNPQ é coordenado pelo prof. Dr. Fabiano Gontijo (UFPA).

seguintes títulos: *Redes de sociabilidades gays em Teresina: lógicas e estratégias de pertencimento* de Kelma Gallas e *Significações a respeito da masculinidade entre jovens gays na cidade de Teresina: fatores reguladores da sexualidade* de autoria de Daiany Silva. No mesmo ano, no mesmo programa de pós-graduação, começou a ser desenvolvida a pesquisa intitulada *Entre redes: mulheres, afetividades e sociabilidades na cidade de Teresina*, de Pâmela Laurentina.

A partir desse material, notamos que as sociabilidades dos respectivos campos etnográficos estavam centradas em áreas bem demarcadas: na Zona Leste da cidade, em bairros como o de Fátima, Jockey, São Cristóvão e Ininga, pontualmente ocupados por estratos mais ricos da população.

Na cidade, é comum escutarmos que a Zona Leste da capital é uma área que congrega os “melhores” espaços de lazer, bairros residenciais e condomínios, além de os mais

conceituados restaurantes, bares, boates, representando, assim, um conjunto de lugares de frequência mais elitizada. Isso está relacionado à configuração espacial de ocupação urbana, caracterizada por uma forte marcação simbólica, que reitera as desigualdades sociais e reforçam a clivagem social já existente na cidade desde sua criação. Nesses espaços, se reproduz uma relação de hierarquia social, representada tanto pela grande incidência de condomínios fechados e espaços de lazer, como pela incisiva ação do Estado, que prioriza a distribuição de mais serviços públicos em determinadas regiões em detrimento de outras (SILVA, ASSIS NETO & OLIVEIRA, 2013).

Nesse sentido, temos essa zona representada socioeconomicamente pelos “melhores” serviços urbanos, espaços de lazer, cultura, que está associada às condições de status social da classe média e alta que residem nessa região. Trata-se, ainda, de um território ocupado predominantemente por brancos em contraposição às zonas Norte e Sul, cuja predominância é de negros com menor renda. Neste sentido, o cenário reflete não apenas sistemas hierárquicos baseados em complexas e antigas formas de exclusão, como renda e raça, mas, também a noções bem sutis sobre os capitais culturais e econômicos traduzidos nos estilos de vida de cada um. Enquanto que a Zona Leste foi progressivamente ocupada pela elite que se deslocou do centro da cidade rumo a áreas mais recuadas e de clima mais ameno, as Zonas Sul e Norte estão historicamente associadas aos contingentes de imigrantes oriundos tanto da zona rural como de outras cidades do Piauí, Maranhão e Ceará (FAÇANHA, 1998).

Em nossas pesquisas sobre as redes de sociabilidades gays e lésbicas percebemos que os grupos mais ricos estavam predominantemente situados na Zona Leste da cidade, agenciando um conjunto de marcadores da diferença, que não se baseiam apenas na renda, mas, também, na classificação por cor/raça, o que torna esse debate sobre a produção da diferença mais significativo.

Esse recorte serviu como ponto de partida para pensarmos a conformação dessas redes de sociabilidades que privilegiam essas áreas consideradas “nobres” em oposição aquelas circunstancialmente identificadas como bairros pobres e periféricos. Aparentemente, o fator econômico adquiriu uma centralidade enganosa nas lógicas classificatórias adotadas no interior dessas redes, insuficientes para explicar os processos de inclusão e exclusão adotadas na cidade. Assim, voltamos nosso olhar para as hierarquias montadas a partir de gramáticas morais, que exercem dentro das redes um relevante caráter micropolítico. Especificamente, centramos esforços analíticos em dois informantes: Ana, 41 anos, parda, que se reconhece como lésbica; e Vinícius, 33 anos, pardo, que se identifica como gay. Os dois estão se posicionam como *egos* (GUIMARÃES, 2004; MITCHELL, 1969) de suas respectivas redes pessoais, caracterizadas por serem mais restritas ou reservadas.

A partir de suas trajetórias, investigamos como o sistema de moralidades criado por cada grupo é operado no sentido de criar campos de possibilidade e espaços de agência. A fim de responder a essas indagações, nos servimos da articulação dos

marcadores sociais da diferença com a intenção de compreendermos os modos como a cor/raça, classe, gênero e sexualidade operam no interior das relações, classificando-as, hierarquizando-as e organizando posições, padrões de interação que nos informam sobre fronteiras, tensões, negociações e sobre o lugar que a diferença ocupa nas relações (BRAH, 2006).

A diferença tomada como uma categoria analítica designa o ‘outro’ e pode ser evidenciada nas constituições discursivas, nas práticas, nas relações sociais, nas posições dos sujeitos e subjetividades que articulam categorias como: experiência, relação social, subjetividade e identidade. Dessa forma, em qualquer sistema classificatório a marcação da diferença é um elemento importante, atuando nos modos como as pessoas se apresentam se corporificam (re)produzindo diferenças. Nesse sentido, é importante distinguir a lógica interna que articula categorias em sistemas classificatórios e os processos de classificação propriamente ditos, uma vez que as categorias definem-se umas em relação às outras, além de atravessarem e circulararem por diferentes relações (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010).

Esse solo teórico potencializou nossa investigação no sentido de pensarmos o universo de significações que envolvem as relações, de modo contrastivo. Para este fim, optamos metodologicamente pela análise comparativa, refinando a relação entre *o que* se observou e *como* se observou, ou ainda, *o que* se comparou e *como* se comparou. A inspiração provém de a “Sociedade de Esquina” (2005), em que Foote Whyte apresenta os resultados de sua pesquisa sobre *Cornerville (North End)*, uma área pobre e degradada de *Eastern City* (Boston), habitada por imigrantes italianos. Em sua reveladora etnografia, o autor se propôs a conhecer, “por dentro”, a complexa organização social daquela área pobre, tida como caótica e desorganizada. Acompanhando o cotidiano dos personagens, suas intrigas e alianças, Whyte dá relevo à pesquisa participante ao vivenciar (e não apenas observar) os diferentes padrões de interação que ocorriam naquela rede.

A sua pesquisa revela quatro tipos de organizações coexistentes em *Corneville*: a gangue de esquina e o clube organizado por rapazes formados (considerados “peixes miúdos”), a organização mafiosa e a política partidária (“peixes graúdos”). Este é o ponto que nos interessa destacar, uma vez que demonstra os diversos tipos de interações entre os membros de *Corneville*, revestidos de códigos e obrigações recíprocas, que organizam as distintas relações de prestígio e poder entre os indivíduos. Whyte apresenta, assim, uma refinada chave teórico-metodológica ao destacar os procedimentos adotados na sua pesquisa:

Pouco iremos nos preocupar com as pessoas em geral. Encontraremos pessoas particulares e observaremos as coisas particulares que fazem. O padrão geral de vida é importante, mas só pode ser construído por meio da observação dos indivíduos cujos padrões configuram esse padrão (WHYTE, 2005, p.23).

A proposta utilizada por Whyte foi inspiradora para “encontramos” Ana e Vinícius,

egos ou catalisadores das lógicas adotadas em suas respectivas redes formadas por gays e lésbicas de classe média alta, predominantemente brancos, moradores e frequentadores da Zona Leste da cidade. Ao ajustamos nosso olhar sobre as situações vivenciadas por Ana e Vinícius em suas trajetórias, ensejamos entender as relações no interior das redes e, desta forma, explicarmos a organização e os significados produzidos nas suas respectivas esferas micropolíticas. O nosso percurso é marcado pela reconstrução do contexto familiar de Ana e Vinícius.

CONHECENDO ANA E VINICIUS

Ana é uma mulher de estatura mediana. Tem cabelos curtos e cacheados que deixam entrever o rosto redondo marcado por um par de olheiras expressivas. Dispensa maquiagens, saltos e produções mais elaboradas quando se encontra fora do ambiente de trabalho, no Ministério da Agricultura. Nasceu no interior do estado do Piauí em uma família conservadora, que cultiva os valores religiosos herdados do avô e repassados pelo seu pai, um homem “polidamente católico”. Ana tem duas irmãs mais velhas e outra mais nova. No período da sua adolescência, por volta dos 16 anos, sua família migrou para Teresina devido à transferência de cargo do seu pai em um órgão federal.

Vinícius é um homem magro, de cabelos cacheados e estatura mediana, cujo corpo tatuado é delineado por uma intensa atividade física. Suas escolhas estéticas – roupas estilosas e coloridas – mostram seu apreço pelo universo pop, que ele e seu grupo de amigos costumam consumir e dedicar longas horas em suas elaborações.

Vinícius nasceu em Teresina em uma família sem muitas posses. Têm dois irmãos com os quais não estabelece diálogo desde a adolescência. Residiu até os seus dezoito anos em um pequeno conjunto habitacional na zona sul, no qual, “todos se conheciam, era uma comunidade pequena com casinhas iguais e praças”.

Tanto Ana como Vinícius vivenciaram conflitos familiares, especialmente na adolescência, em decorrência das divergências em relação à heterossexualidade e com as expectativas em torno do gênero. Esses conflitos ocasionaram sistemáticos movimentos de aproximação e afastamento de suas famílias. Ana estava inserida, assim como as suas irmãs, no típico projeto familiar, devendo seguir as etapas tidas como obrigatórias da vida feminina: o casamento e a subsequente constituição da família. Vinícius, por sua vez, desde a mais tenra idade já era cobrado violentamente pelos membros masculinos de sua família (pais e irmãos) para que firmasse um compromisso com a masculinidade que não admitia ambiguidades de qualquer ordem. Assim, no interior de suas existências, tanto Ana como Vinícius rejeitavam os projetos minuciosamente arquitetados por suas famílias, aspirando por outras experiências.

Nos anos de 1990, quando se iniciava no Brasil uma tímida discussão sobre a temática da sexualidade e de gênero no âmbito acadêmico, Vinícius já tinha admitido a si mesmo que os anseios de sua família seriam frustrados. Em Teresina,

ocorria uma flexibilização dos guetos homossexuais, em um movimento denominado *mercado GLS*⁴. Aos 17 anos, Vinícius tentava dar ordem nos seus sentimentos confusos: enquanto mantinha um namoro com uma moça de Brasília, que via apenas nas férias, paquerava rapazes “clandestinamente”, apenas por telefone. Mas havia rumores sobre o seu “jeito efeminado”. Os boatos se espalharam e a mãe da namorada ligou pedindo satisfações. “(ela) saiu falando que eu era gay para todo mundo, repetiu isso na minha família, e nunca mais permitiu que a filha viesse em Teresina. Eu ainda gostava dela. Mas analisando, era afeto, vontade de estar abraçado, mas desejo sexual. Isso eu nunca senti”.

O rompimento dramático e a boataria a respeito de sua homossexualidade intensificou o conflito familiar. Os irmãos passaram a agredi-lo verbalmente em público, chamando-o de forma intimidatória de “bicha” e “viado”. Diante da pressão familiar e do pouco afeto, Vinícius viu na formação acadêmica uma saída para sua situação. No ambiente acadêmico, embora não se assumisse como gay, Vinícius conseguia identificar algumas pessoas “iguais a ele” ou que tinham posições mais flexíveis o suficiente para conversar sobre o assunto. No ano de 2000, ele começou a ir a muitas festas com pessoas que estava conhecendo na universidade, aumentando mais ainda “as suspeitas” do pai em relação à sua sexualidade. A ajuda financeira foi cortada. Era a forma que o seu pai tinha de controlar as suas saídas quase diárias. Sem alternativas, Vinícius decidiu trabalhar, atuando como jornalista e, depois, como promotor de uma conhecida boate da Zona Leste. Foi quando decidiu fazer um segundo curso de graduação, ingressando no curso de Psicologia na Universidade Estadual do Piauí. Quando se formou em 2004, resolveu fazer residência em uma pequena cidade do Ceará. Foi dividir uma casa com dois outros estudantes, fazendo um arranjo familiar que perdura até hoje. “Eles são como irmãos: um irmão e uma irmã. Eles passaram a representar uma família pra mim. Foi muito intenso”. No período anterior à formatura, como exigência do curso, fez análise. Procurava se entender. Foi um processo longo. Somente em 2005 ele conseguiu se aceitar completamente. Em 2006, retornou a Teresina e tentou morar novamente com os pais até se organizar na cidade. Mas não deu certo. “Não aguentei ficar com eles nem seis meses”. A mãe tem 66 anos; o pai, 60 anos. Vinícius tinha consciência de que não fazia sentido dizer para eles que era gay, nem conversar a respeito de suas escolhas. “Fazia mais sentido construir a minha vida”. Questionado sobre essa opção, Vinícius explica que embora nunca tenha tido uma conversa aberta com a família sobre sua sexualidade, passou a usar a rede social Facebook para expor suas verdades. Na rede social, ele posta fotos de homens bonitos, faz comentários elogiosos, demonstra ser gay. Ele acredita que é nessa rede

4 A sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), desenvolvida pelo jornalista e empresário André Fischer, criador do portal Mix Brasil e idealizador do Festival MixBrasil de Diversidade Sexual. A sigla designa ambientes, produtos e serviços que seriam voltados o público homossexual, mas também serve de interpretação para um movimento típico dos anos de 1990, quando surge uma “cultura hedonista”, em que a apropriação dos bens de consumo por parte dessa população marginalizada se constituía em um dos mecanismos de inserção social.

que faz o seu *coming out* mais radical: “é onde todos eles estão: meus pais, meus irmãos, meus tios, primos. Lá tá rasgado. É o espaço que eu uso para isso”.

Ana, por outro lado, teve poucas experiências no período da sua adolescência. Considerando-se uma pessoa tímida, “uma cdf que passava o dia todo lendo sem sair de casa”, ao contrário das irmãs, não tinha “nenhum namoradinho” com o qual saísse, tinha apenas alguns “paqueras da escola”. Ela enfatiza que desde muito nova destacou-se por seu desempenho escolar, concluindo precocemente o ensino médio, possibilitando-a ingressar sem maiores dificuldades no curso de Agronomia da Universidade Federal do Piauí. É neste espaço de sociabilidade que ela começa a ter relações mais “intensas” com mulheres, despertando a desconfiança dos pais, embora, como ela diz, “estivesse gostando tanto das mulheres como dos homens”.

Mais tarde, no final da década de 1990, quando Ana, já adulta, cursava um mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais, finalmente teve a sua primeira relação com uma mulher:

Eu sempre tive muita clareza sobre algumas coisas. Eu sabia o que eu queria e a primeira mulher com quem eu namorei mesmo, fui eu quem cantou. Isso já depois da faculdade. Decidi que queria ficar com ela e fui lá. Nunca achei que deveria dizer nada pra ninguém e nunca fui a guetos porque eu não achava preciso. Isso, no final de 90 pra 2000. Eu tinha uns 26, 27 anos. A essência dela me atraiu: ela é muito honesta, responsável, amável. Ela era mais velha, porém imatura para relacionamentos, estava fora da questão da homossexualidade. Eu também cobrava algumas coisas. Eu cobrava que ela assumisse mais esse relacionamento. Mas depois eu analisei e vi que eu queria sair de casa e somar as duas coisas: sair de casa por causa do meu pai, o mesmo que as mulheres faziam antigamente (casavam para sair da casa dos pais). Talvez fosse isso que eu quisesse. Foi a primeira mulher com quem eu tive relação e foi supertranquilo, assim, como foi com homens. A diferença é que com homens eu não tinha tanto afeto, tanto uma ligação que tenho com as mulheres, tinha uma coisa mais sexual mesmo.

Durante essa experiência, na qual suas vivências afetivas se dão longe dos laços e dos valores convencionais sustentados por sua família, Ana apresenta algumas contradições. Se por um lado coloca em questão sua posição de mulher decidida, que evita frequentar “guetos” e publicizar sua intimidade no meio social, por outro lado aposta na autonomia de seus sentimentos. Desse conflito surgiu uma certeza: “você é o que é e pronto. Não precisa se expressar verbalmente sobre sua homossexualidade”. Porém, em relação à namorada, contraditoriamente, exigia que a mesma se posicionasse e/ou assumisse o relacionamento “para o meio social”.

Após o mestrado, Ana iniciou o processo seletivo para o doutorado no mesmo programa de pós-graduação obtendo aprovação nas primeiras colocações. Dessa forma prorrogou a sua estadia em terras mineiras. Entre uma folga e outra das atividades acadêmicas retornava a Teresina para visitar a família. Era um momento tenso: embora fosse recebida por suas irmãs e pela mãe de maneira afetuosa, o pai mantinha um significativo distanciamento. Para obter reconhecimento do pai, Ana buscou reconhecimento profissional. Após o doutorado, por meio de concurso,

conquistou uma das vagas em uma disputada instituição pública federal no Piauí. No entanto, nem mesmo este êxito amenizou a frieza do pai, contaminado pela perspectiva religiosa e médico-legal que considerava a homossexualidade, uma suposta ameaça à ordem ou um desvio da normalidade, que veio desordenar a divisão tradicional de poderes entre o homem e a mulher (MISKOLCI, 2007).

Não, o pai de Ana não poderia estar feliz com todos esses discursos e temores de degeneração sexual, que iriam colocar a sociedade de cabeça para baixo. “Essas razões levaram os saberes psiquiátricos e as leis a colocarem o homossexual no grupo dos desviantes, ao lado da prostituta, do criminoso nato e daquele que talvez fosse seu parente mais próximo: o louco” (MISKOLCI, 2007). Enfim, refletindo sobre essas circunstâncias que a deixavam meio amargurada, Ana concluiu que seu pai nunca a aceitou nem a aceitaria: “e eu tentei fazer de tudo para ser uma filha que ele pudesse aceitar”. Nesse sentido, explica que assumiu suas responsabilidades desde cedo e promoveu sua própria ascensão financeira.

Ana enfatiza seu senso de responsabilidade, em que as noções de dever e cumprimento de obrigações são valorizados. No entanto, se a busca pela aceitação é traduzida na obtenção de um maior capital e prestígio social, por meio dos títulos acadêmicos, ela percebe claramente que nada disso parece ter influência sobre a figura paterna, claramente decepcionada por seu comportamento no campo sexual. Assim, pode-se refletir que se o prestígio exige uma ordem moral associada a noções de reciprocidade, numa cadeia de afetos em que o pai exerce um papel fundamental, logo, observamos que essa incapacidade de reconhecer o êxito da própria filha, reifica uma ordem de valores estabelecida no campo de uma moral mais conservadora.

Embora não tenha logrado êxito sobre a opinião do pai, Ana claramente usa os capitais sociais e culturais como dispositivos para conquistar a respeitabilidade familiar frente à sexualidade tida como “desviante”. Tornar-se uma pessoa respeitável configura-se como um valor importante estendendo-o para o sentido de prestígio social conquistado por meio da ascensão intelectual e profissional como ferramenta de socialização e signo de uma determinada ordem moral (SIMMEL, 1967; ELIAS, 2000). O mesmo sentido – o de adquirir respeito por meio do sucesso profissional – também é um dispositivo acionado por Vinícius que, além das duas graduações (uma em Jornalismo e outra em Psicologia), acumula também um mestrado e almeja o doutorado para breve.

A QUEM INTERESSA A PRESUMIDA INVISIBILIDADE DA REDE

Nos fluxos dessas trajetórias, é possível entender como o ressentimento e a dor, provocados pela falta de reconhecimento familiar, acionaram, tanto em Ana como em Vinícius, a categoria “respeito”, intimamente relacionada ao status e ao prestígio. O dispositivo da projeção de uma imagem de si positivada (FACCHINI, 2009) por meio do investimento educacional e através dos significativos deslocamentos

espaciais, tornaram possível a superação da vergonha e da ofensa. Assim, também passa-se a entender porque espelhar o melhor de si tornou-se uma meta tanto para Ana como para Vinícius, razão pela qual a figura do “jogo de espelhos” vem à tona. Se as “imagens podem servir para tudo” (AUGÉ, 1981, p.31), elas devem mostrar apenas o que for conveniente para manter o prestígio conquistado. Mas, por outro lado, implica em uma existência cada vez mais encenada, em que se tenta evitar a todo custo as possíveis inconsistências desfavoráveis, que possam oferecer risco de constrangimento e de descrédito diante dos outros (GOFFMAN, 2011). Como toda fachada, todo simulacro, precisa ser mantido incólume, é necessário manter o controle expressivo do próprio corpo, das emoções e das coisas, evitando que as incoerências apareçam. Esse controle exaustivo e sistemático dos mínimos detalhes dessa fachada social – “centro de sua segurança e prazer” torna-se necessário porque, por mais que ela pareça estável e segura, “é apenas um empréstimo da sociedade e ela será retirada a não ser que a pessoa se comporte de forma digna” (GOFFMAN, 2011, p.18). Todo esse investimento tem um custo: faz do homem seu próprio carcereiro. E “esta é uma coerção social fundamental, ainda que os homens possam gostar de suas celas” (GOFFMAN, 2011, p.18)

A necessidade da fachada é, nessa perspectiva, o que melhor explica as redes restritas e reservadas constituídas por Ana e Vinícius, excessivamente preocupadas com a entrada de novos integrantes no núcleo considerado principal. Os pretendentes a ingressar nessas redes são sempre avaliados minuciosamente pelos demais integrantes:

Por exemplo, uma viagem. A gente aluga umas vans⁵. Vamos chamando pessoas que se enquadram. As pessoas do grupo vão se pronunciando, dizendo quem vai e não vai. Não tem uma pessoa que coordena. Mas tem laços. São pequenos grupos agregados num grupão. Esses pequenos grupos podem afirmar em algum momento sobre a entrada de outras pessoas.

Nesse, Vinícius deixa entrever uma série de dispositivos usados pelo grupo para selecionar, baseados na ideia de pertença, que são refinados nos encontros do grupo. Nesses momentos, o compartilhamento do repertório cultural se torna um mecanismo bastante utilizado para favorecer as novas adesões: as conversas giram em torno das divas como Madonna, Lady Gaga, Britney Spears, Rihanna, conversas marcadas por discussões intensas sobre as músicas prediletas e danças sincronizadas com as coreografias de cada cantora. Ou, podem ainda ser marcada pelo debate de algum livro do momento, seja das séries Harry Potter ou Percy Jackson, ou algum tema que esteja emergindo do universo pop.

Vinícius evidencia os critérios usados para selecionar um novato entrar no grupo. “A gente podia ter trazido uma pessoa e ela ter se dado bem com parte do grupo, mas se outra parte não aceitar, aos poucos ela vai sendo descartada”. Grande parte desses

5 Vans é uma espécie de furgão que serve para transporte coletivo.

candidatos vem por meio das festas, frequentemente organizadas pelo grupo. Foram as festas, promovidas desde 2004, que acabaram inflando a rede na qual Vinícius está inserido. Em 2004, ano em que ele e seus amigos íntimos evitavam os espaços da cena gay local, as festas, chamadas “privês”, eram promovidas em suas próprias casas. “Eu morava com dois amigos que não eram gays⁶ e nessas festas vinha gente de todo tipo. O grupo foi crescendo”. As festas acabaram se tornando tão frequentadas, que os amigos decidiram alugar residências maiores (as chamadas “mansões”) para sediar esses encontros, onde compareciam mais de cem pessoas.

Vinícius relata que as festas tinham dois objetivos: animar a rotina e favorecer a entrada de pessoas novas, que seriam “pescados” pelos integrantes da rede. Porém, tais festas mantinham o caráter de interdição: só se podia entrar caso fosse convidado, o que provocou uma série de críticas na cena gay local: “tem uma coisa nesse grupo de amigos: é que o público externo olha como se a gente fosse especial, como se fôssemos diferentes, o ‘povo da Zona Leste’, povo mais bonito, mais requintado”. Vinícius expõe o sentido exato de morar na Zona Leste: é como possuir um dos atributos de prestígio, que garante destaque social. Mais ainda se aquele grupo, carregado de distinção, ao desprezar os bares gays locais, organizava suas próprias festas na cidade. Sem dúvida, soava como uma provocação. Mas, para Vinícius, era uma forma de reafirmar o *ethos* do grupo: “Isso ocorreu quando o vínculo de amizade estava formulando o vínculo afetivo. “As *privês* causavam intrigas. Diziam que eu estava fazendo as *privês* para tirar o público das festas. Vinham trinta, cinquenta pessoas. Era muita gente...”. Porém, o controle rigoroso de entrada de novos integrantes no grupo, especialmente nas festas mais reservadas, promovidas em sítios isolados, está intimamente relacionado a liberdade sexual e ao consumo de substâncias ilícitas, que a rede pretende que continuem ignorados.

Ao contrário de Vinícius, que se assumiu publicamente e nesse momento da vida está aplicado à militância virtual, usando suas redes sociais para defender as causas LGBTs, Ana considera-se uma mulher discreta que gosta de “preservar sua intimidade”. Devido a essa posição, afirma ter um círculo de amizades restrito. Mas, observando de perto, outros fatores contribuíram para que o número de amigos fosse bastante reduzido, como a sua mudança do interior para a capital, e o distanciamento de amigos de colégio e da universidade, porque “algumas pessoas tomaram direções geográficas diferentes”. Ana destaca que possui diferentes núcleos de amizade, como o pessoal do trabalho, da universidade, da família e aquelas pessoas que são agregadas a partir de um namoro e outro. Nesse sentido, é possível perceber a sua necessidade de manter esses círculos sob rigoroso controle:

Amizade eu associo ao tipo de relação na qual você pode ser você mesma, parece ridículo essa frase, entende? As pessoas com as quais você consegue se sentir o melhor possível porque, de alguma forma, dependendo do ambiente, você dosa o seu comportamento. Não existe essa pessoa reservada cem por cento nos

6 Corruptela de Heterossexual. Termo nativo.

ambientes. Como sou bem reservada, são com poucas pessoas que eu consigo ficar com essa sensação de ser eu mesma. Ridículo esse pensamento, mas o utilizo como metáfora porque eu acho falsidade uma pessoa dizer que é ela o tempo todo pra todo mundo não é.

Para Ana a amizade é uma relação pessoal e privada, afetiva e voluntária pautada na afinidade e na confiança. Se a amizade é esse sistema de valores, que permite “ser você mesma”, mostrar sua integridade, compartilhar questões pessoais e íntimas, valores semelhantes, exercendo a reciprocidade, o apoio mútuo, a sinceridade e o investimento de tempo (REZENDE 2002, 2010), então, Ana parece nos falar sobre as questões sobre as quais deposita maior empenho em preservar. Ainda falamos sobre a fachada, aquela imagem de si que se deseja projetar. Mas aqui, a amizade guarda a semelhança com um contrato de honra, que pode ser abalado pela traição da confiança.

A categoria confiança é acionada para legitimar a possibilidade de fazer uma exposição de si, na qual a intimidade e a reputação possam ser preservadas. Nessa perspectiva, Ana justifica a manutenção dos vínculos de amizade, sobretudo, com as amigas fizeram com ela a graduação: “seguimos juntas para o mestrado e doutorado”. Essas amigas, com as quais compartilhou bons e maus momentos, se assemelha a “uma malha estreita onde há muitas relações entre os membros” (BOTH, 1976). A intensidade das afetividades dentro das redes pode sofrer contínuos rearranjos motivados pela mudança de percepção de um participante em relação ao outro, a partir da avaliação dos valores abraçados pelo outro, que passam a ser julgados como possíveis ameaças. Tais questões podem alterar as dinâmicas interacionais regidas por moralidades particulares, entendidas aqui como o conjunto dos códigos, das práticas, das normas e valores que regem as relações das redes e que chamaremos de moralidades (GONTIJO e REIS, 2014).

Partindo da premissa de que afinidade é um fator primordial para se começar uma relação de amizade, podemos dizer que a homossexualidade, ou melhor, o enfrentamento da reação familiar à divergência acalentada por Ana e Vinícius à heterossexualidade compulsória, serviu como um fator para amalgamar as relações e orientar as dinâmicas de interação nas suas respectivas redes. Não se trata apenas em uma solidariedade baseada ou garantida pela mesma orientação sexual. Ser gay ou lésbica não é o requisito suficiente para entrar nessas redes. É a “sociabilidade qualificada”, no sentido utilizado por Velho (1986), que norteia essa busca por participantes que possuam não apenas os padrões de consumo e níveis de escolarização específicos, mas que possam contribuir para a manutenção dos valores instituídos pelo grupo.

AFETOS E TENSÕES: DOCE E AMARGO, MAS NEM TANTO

Nessas redes tidas como reservadas, cujo acesso aparentemente é mais difícil,

produz um efeito inesperado, porém, nem sempre considerado indesejado: um complexo entrelaçamento amoroso. Tal característica é presente nas duas redes. Enquanto que os integrantes mais velhos já foram amantes, e hoje estão na condição de amigos, seus novos parceiros(as) se constituem em novas aquisições à rede, embora, em muitos casos, em uma situação provisória. E enquanto estão nessa indefinição, muitas vezes são observados, desejados, cortejados, e podem até mudar de parceria. É uma dança arriscada dentro do complexo das moralidades elegidas pelas redes. Já que manter-se na rede depende, em grande parte, da incorporação dos princípios e valores adotados pelos demais participantes, trair é um ultraje que pode desconfigurar a rede, trazendo tensões e conflitos difíceis de serem superados. Caso o membro crie conflitos, ou por sua postura, ou por incoerência com o estilo de vida adotado pelo grupo.

Porém, estar numa rede em que as novas parceiras convivem com as que já estiveram naquele posto, também a mantém em constante estado de tensão. Por outro lado, nem sempre é uma tensão desagradável, uma vez que, eventualmente, essa rede também se configura de maneira erótica. Isso leva à noção de “coquetismo”, adotada por Simmel (1993), empregada para “qualificar o comportamento sedutor”. Como uma comunidade regida pelo amor, há abraços, beijos, entrelaçamentos, saídas constantes, aconchegos, uma ampla reciprocidade que é alimentada eletricamente. Porém, observando a rede de Ana na perspectiva de Simmel, não se trata apenas de “agradar” umas às outras por meio dos atributos eróticos, da disseminação de gestos charmosos, mas de manter no grupo uma atmosfera platônica, um permanente estado de indefinição, uma etapa intermediária entre querer e não-ter, entre o não-ter e ter. Sem conflitos, pois, “para remediar a privação, mistura-se a dor do ponto de partida à felicidade da paulatina aproximação do fim” (SIMMEL, 1993, p.95).

Essas mulheres experimentam essas ambiguidades do coquetismo, pois, esses laços, ao mesmo tempo fraternos e eróticos, estão em um contínuo movimento duplo: o de potencializar a amizade e amenizar o apelo erótico, informando continuamente quão “tênue é a separação entre amizade e a parceria sexual e afetiva entre as mulheres do grupo estudado” (MEINERZ, 2011, p.114). Como reflete a antropóloga, se, por um lado, toda amiga é uma potencial parceira, por outro, muitas vezes, a ex-parceira acaba se tornando uma grande amiga. É o que ocorre na rede de Ana. Nessa rede, percebe-se a idealização do amor, da paixão que vira afeto, da necessidade de manter próximas as pessoas que já foram íntimas. Trabalha-se muito para não descartar ninguém que algum dia foi especial.

Mas essa ambiguidade, exposta por Meinerz (2011), se torna um elemento constituidor de relações, mas movimentando intensamente as dinâmicas de interação na rede de Vinícius. Na dinâmica dessa rede formada por rapazes, fazer sexo descompromissado uns com os outros é uma estratégia aquietar uma carência momentânea, e é visto como uma prática sem grandes consequências:

De alguma forma, todo mundo já namorou uns com os outros. É o “fica”, não é namoro. É só coisa de festa, ficou, transou, é amigo no outro dia, foi só um momento, foi bom e pronto, sem namoro. Tem muito disso. Foi o que me aproximou bastante desse grupo. Por mim, teria amizades coloridas, seria mais legal uma poligamia aberta, sem esse compromisso de dizer que está compromissado.

O sexo casual ou recreativo, que poderia ser interpretado como promiscuidade pelas mulheres, é tratado como uma irrelevância por Vinícius. Não há tantos problemas, pois, segundo ele, há sexo e não envolvimento emocional entre os amigos. E isso ocorre, habitualmente, em situações singulares, como durante as viagens de férias, quando os rapazes dividem um mesmo alojamento, ou na atmosfera propícia de festas, em que há um consumo um pouco acima da média habitual de álcool ou de outras drogas. Por outro lado, o “fica-fica” entre os membros do grupo não garante uma satisfação permanente. Em vários momentos, o grupo apresentou indícios de esgotamento interno, agravada pela ameaça de monotonia ou pela falta de novidades. Nesses momentos, o grupo adotava várias estratégias, como as festas, para possibilitar as interações dinâmicas com outros grupos: “Começamos a perceber que nos fechamos muito e precisávamos sair mais. Tinha uma ou outra festa que a gente abria para agregar, que podiam vir com duas ou mais pessoas...”

Por outro lado, o grupo não usa apenas as festas para conhecer novas pessoas. As buscas também são mediadas por tecnologias. Sites que favorecem essas relações em rede, como o Facebook e o Twitter, são integrados a inúmeros outros recursos disponibilizados nos dispositivos móveis, smartphones ou celulares multimídias, por meio de aplicativos como WhatsApp Messenger. Tais mecanismos possibilitam o envio, recepção e visualização de mensagens instantâneas e e-mail, além da produção, visualização e remessa de vídeos. Vinícius considera esses ambientes virtuais propícios à seleção e, portanto, também à exclusão: “Acontece muito isso: cria-se um núcleo e exclui alguém porque não quero aquelas pessoas no grupo. As semelhanças aproximam, mas as diferenças excluem. Sou a velha chata. Falo mesmo. Eu falo tudo que quer”.

Por outro lado, é importante considerar as regras de conduta dentro dos grupos. A regra deve ser conhecida, deve ser mantida, ou provoca o desmoronamento daquilo que mantém a rede estável: “o efeito combinado da regra do respeito próprio e da regra da consideração” (GOFFMAN, 2011, p.28). Se, portanto, dentro das redes, o sentimento de lealdade e fidelidade aproximam os membros do sentido das confrarias marcadas por rituais e códigos morais, esses sentimentos são os que conduzem, também, os processos de seleção para ingresso e para a exclusão. Eles se mantêm juntos, num sentido ecológico, como um “corpo estendido e prolongado” (BOFF, 1999, p.136), obedecendo às dinâmicas impostas por cada rede. Dessa forma, observando a rede de Ana e de Vinícius, o conceito de confiança aparece como uma categoria fundamental. Entende-se, a partir das perspectivas desses interlocutores, que é no ambiente mais íntimo, portanto, protegido da curiosidade alheia, que se potencializa

o conceito de confiança em oposição às relações contemporâneas instáveis e frágeis (ZAMBONI, 2009).

Se os laços são produzidos nas situações de interação e de confiança, é possível perceber, assim, o enlace dos elementos simbólicos da honra, na presença de categorias que se apresentam aos pares, como: lealdade e fidelidade; confiança e segredo. Na ótica de Pitt-Rivers (1973), esse é o nexos entre os ideais da sociedade e a sua reprodução nos indivíduos, acionando o movimento que vai do “revelar-se” ao “reservar-se”. Se, através dos códigos de honra são moldadas atitudes que regem as relações e se estas os contestam, as tensões e conflitos aparecem. Por isso, trair a confiança e revelar o segredo põe em cheque à reputação, a imagem de si destinada aos outros, podendo romper a relação de amizade e a de permanência na rede de relações. É nesse sentido, que as redes de Ana e de Vinícius podem ser entendidas na sua micropolítica.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos**. Campinas: Papyrus, 1997.

BARNES, John A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BIANCO, Bela Feldman (Org.). **Antropologia das Sociedades Complexas**. São Paulo, Ed. Global, 1986.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar Ética do humano: compaixão pela terra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOTH, Elizabeth. Família e Rede Social. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre “Gostos de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia** São Paulo: Ática, 1983.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª ED. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FRY, Peter. Nas Redes Antropológicas da Escola de Manchester: Reminiscências de um Trajeto Intelectual. **Revista Iluminuras**. v. 12, n. 27. UFRGS, 2011.

GREEN, James. “Mais Amor e Mais Tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, v.15, 2000. p. 271-295.

GLUCKMAN, Max. “Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna” In.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GONTIJO, Fabiano. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. In: RIOS, Luís Felipe Rios *et al.* **Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde** (pp. 63-68). Rio de Janeiro:

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2004.

GONTIJO, Fabiano; REIS, Pâmela Laurentina. Mulheres em Rede: sociabilidade, moralidade e narrativas biográficas de lésbicas no Piauí e no Maranhão. **Amazônica: Revista de Antropologia** (Online), v. 6, p. 140-169, 2014.

LOMNITZ, Larissa Adler. “Redes sociales y partidos políticos en Chile”. In: Revista Redes. v.3, sept-nov, 2002. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es>. Acesso em 5 de agosto de 2010.

MITCHELL, C. *Social networks in urban situations*. Manchester: Univ. Press, 1969.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cad. Pagu** [online]. 2007, n.28, pp. 101-128.

PITT-RIVERS, Julian. 1971 [1965]. “Honra e Posição Social”. In J.G. Peristiany (org.). Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SCOTT, John. *Social Network Analysis. A Handbook*. London/Newbury Park / New Delhi: Sage Publications, 2000.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Gilberto (Org.). **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1967.

_____. Psicologia do Coquetismo. In: **Filosofia do Amor**. Tradução de Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

_____. *Cuestiones fundamentales de sociología*. Barcelona: Editorial Gedisa S.A., 2002.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

ZAMBONI, Marcela. “**Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor**”: a confiança nas relações amorosas. (Tese de doutorado) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-045-2

